FEBRAPSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

NOTÍCIAS

ANO XIV
RIO DE JANEIRO
AGOSTO 2013

Nº 50

“Quem sabe estamos doutrinados e parados nos conhecimentos desenvolvidos por Freud e seguidores sobre o funcionamento mental e o tratamento das enfermidades mentais?”

A constituição do psicanalista
Sebastião Abrão Salim

pág.4

“Pode-se, especulativamente, cotejar os movimentos que estamos testemunhando neste junho de 2013 no Brasil com o texto Totem e Tabu?”

Totem e Tabu no Contemporâneo
Anette Blaya Luz

pág.6

“Quanto às novas patologias, o analista tem que estar atento e se informando sobre a produção contemporânea, mas seu vértice é psicanalítico.”

Entrevista
Luiz Tenório Oliveira Lima

pág.9

palavras da presidente

Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo

Queridos colegas,

Chegamos ao fim deste semestre de muito trabalho. Em seguimento a uma das primeiras atividades do ano, a reunião dos presidentes das federadas com o consultor contratado pela Febrapsi, partimos para a contratação de um gerente, processo ainda não concluído, já que nossa primeira tentativa não foi bem sucedida. A Diretoria como um todo, ou em parte, apoiou eventos preparatórios para o Congresso Brasileiro, como os que aconteceram em Brasília, Ribeirão Preto, Porto Alegre e Aracaju. Vale a pena destacar o evento realizado em parceria com a Fepal na cidade de Uberlândia, onde um grupo de colegas psicanalistas vem trabalhando incansavelmente na difusão da psicanálise naquela região, e no momento está se organizando em busca de institucionalização.

Tivemos o prazer de ver os dois colegas brasileiros, Altamirando Andrade e Ruggero Levy, serem eleitos como representantes pela América Latina junto ao Board da IPA, por mais dois anos.

Em novembro próximo teremos as eleições para a próxima gestão da FEBRAPSI, o que significa que dentro de algum tempo serão enviados regras e prazos para a apresentação das chapas.

No dia 22 de junho pp. os delegados das diversas federadas se reuniram em Campo Grande para a Assembleia regimentar, que transcorreu em clima amistoso e produtivo. Dentre os assuntos discutidos e votados naquela assembleia destaco a entrada oficial do Grupo Psicanalítico de Curitiba nos quadros da Federação, e a confirmação das cidades de São Paulo e Fortaleza como anfitriãs dos congressos brasileiros de 2015 e 2017 respectivamente. Foi escolhida a comissão eleitoral e marcada a Assembleia de Delegados para 30/11 na cidade de Campinas. Também foi referendada a decisão da diretoria de aumentar de 10 para 12 por ano os intercambios cientificos aos quais as federadas têm direito.

Antes da Assembleia, a diretoria reuniu-se com o comitê local e com membros da empresa organizadora do Congresso visando a incrementar a organização do mesmo, e visitou o Centro de Convenções e o Museu do Indio. Esse foi outro assunto de grande destaque antes, durante e após a Assembleia, pois estamos nos aproximando a passos largos do nosso grande evento, e esses últimos dias têm sido de trabalho intenso por parte de todos os envolvidos. Antes de finalizar, aproveito para convidar cada membro e candidato para virem a Campo Grande participar do XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise. As atividades científicas e culturais que estão sendo preparadas certamente irão agradar a todos.

Até nosso próximo número.

Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)

FEDERADAS E PRESIDENTES

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Nilde J. Parada Franch
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Judit Letsche
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Celmy de A.A. Quilelli Correa
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre(SPPA)
Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR)
José Fernando de Santana Barros
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB)
Carlos de Almeida Vieira
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Helena Ardaiz Surreaux
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
José Francisco Rotta Pereira
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SPRP)
Rachel B. Lomônaco Beltrame
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ RIO 4)
Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Lenita Osório Nogueira Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG)
Sérgio Kehdy
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)
Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor)
Paulo Marchon
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)
Nelson José Nazaré Rocha
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Marcio Antonio Johnsso

NÚCLEOS

Núcleo Psicanalítico de Curitiba
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo Psicanalítico de Natal
Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico de Aracajú
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina

DELEGADOS

Ambrozina Amalia Coragem Saad.
Andreas Zschoerper Linhares
Ana Cláudia G.R. de Almeida
Ana Paula Terra Machado
Carlos de Almeida Vieira
Celmy de A.A. Quilelli Correa
Christine Marques Castro Vinhas
Delza Maria da Silva Ferreira de Araújo
Eleonora Abbud Spinelli
Gisèle de Mattos Brito
Hang Ly H. de Ikegami Rochel
Helena Ardaiz Surreaux
José Francisco Rotta Pereira
Judit Letsche
Lenita Nogueira Osório Araujo
Luis Tenório Oliveira Lima
Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo
Maria Arleide da Silva
Maria de Fátima Chavarelli
Marísia Abrão
Nelson José Nazaré Rocha
Nilde J. Parada Franch
Paulo Marchon
Paulo Quinet de Andrade
Rachel B. Lomônaco Beltrame
Roberto Calil Jabur
Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Sergio Antonio Cyrino da Costa
Sérgio Kehdy
Viviane Sprinz Mondrzak

CONSELHO PROFISSIONAL

Diretora: Ana Paula Terra Machado (SBPPA)
SBPSP - Alícia B.Dorado de Lisondo
SPRJ - Paulo Lessa
SBPRJ – Vania Cidade
SPPA - Rudyard Emerson Sordi
SPR - Maria Crisales Lima Rezende
SPB - Sylvain Nahum Levi
SBPdePA - Beatriz Saldini Behz
SPPel - José Francisco Rotta Pereira
SBPRP - Maria Auxiliadora Campos
APERJ Rio-4 – Sergio Antonio Cyrino da Costa
SPMS - Ana Deise Leonardo Cardoso
GEPMG - Eliane de Andrade
GEPG - Daniel Emídio de Souza
GEPFOR - Roberto Nóbrega Teixeira
GEPCampinas - Hang Ly H.de Ikegami Rochel

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Bernardo Tanis (SBPSP)
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

BETTY JOSEPH COMO SER HUMANO

Elizabeth L. da Rocha Barros e Elias M. da Rocha Barros

Betty Joseph nasceu em março de 1917 e faleceu em Londres a 5 de abril de 2013, com 96 anos. Deixou uma obra escrita, outra falada (supervisões e comentários)e ainda uma terceira vivida constituída pelo que transmitia através de sua convivência. Vamos falar de sua pessoa, de como impactava os que com ela conviveram. Seu traço mais característico era a vivacidade alimentada por intensa curiosidade. Possuía memória muito peculiar, intacta até o último dia de sua vida. Suas lembranças não se limitavam a fatos. Guardava uma espécie de *Gestalt* emocional de cada pessoa, o que fazia com que tivesse *insights* fantásticos quando falava de amigos e filhos dos amigos, pelos quais tinha especial carinho, traço pouco conhecido das pessoas que não conviviam com ela. Em seu funeral seu sobrinho Henry falou de muitas dessas crianças que a consideravam "Tia Betty", hoje adultas e muitas presentes no crematório de Golders Green. Levava crianças e jovens adultos a sério, sabia conversar com eles, estimular a comunicação, e guardava tudo o que lhe era dito. Essa empatia se transformava em compreensão na sessão. Robert Oesner conta-nos de uma supervisão em que apresentou material de paciente que considerava delinquente, até mesmo má pessoa, e que lhe relatara um de seus piores atos de maldade, até então oculto de todos. Ela lhe sugeriu que interpretasse o quanto o paciente teria ficado aliviado de compartilhar tão horrível segredo com alguém.

Apreciava o bom vinho e a boa comida. Tinha paixão por jardins. O seu era belíssimo e com frequência na primavera suas supervisões eram ao ar livre. Também adorava viajar e quando o fazia, explorava tudo, era incansável. Adorou suas muitas viagens ao Brasil e ficava muito tocada pelo carinho com o qual era recebida.

Acreditava que havia dois tipos de analistas, os que tinham nascido analistas, como Rosenfeld, Bion e Segal, e os que se tornavam analistas por esforço e dedicação, grupo no qual se colocava. Fez uma primeira análise com Michael Balint, durante a guerra, e quando este se mudou para Londres ela o acompanhou. Sua segunda análise foi com Paula Heimann. Seu diploma inglês de graduação e pós-graduação era em Psychiatric Social Work. Durante os anos da guerra (1939-1945) fazia parte do grupo de profissionais evacuados de Londres devido aos bombardeios, e nesse período participou de muitos trabalhos comunitários e integrou um grupo de defesa civil onde lhe coube dirigir um caminhão, apesar de sua conformação *petite*. A seguir passou a cuidar de crianças evacuadas de Londres, em clínicas especializadas.

Sua formação psicanalítica foi no Instituto Britânico (1942-49), tendo sido colega de W. Bion, Money-Kyrle e Lois Monroe que, embora mais velhos, estavam ainda em formação devido às ausências em consequência da guerra.

Joan Rivière e Susan Isaacs foram suas supervisoras durante a formação e depois Melanie Klein e Hanna Segal. Lembra-se de Klein como pessoa muito viva, de inteligência original, muito simples, apreciadora da boa mesa, de bons vinhos e de teatro. Recordava a generosidade e doçura de Klein, ainda que fosse ciosa da lealdade às suas ideias.

Durante um tempo viveu no terceiro andar do número 42 da Gordon Square no bairro de Bloonsbury. No primeiro andar viviam Joseph e Anne Marie Sandler, e tinham como vizinho James Strachey.. Foi bastante tocada pelas figuras de S. Isaacs, J. Rivière, Ella Sharpe, H. Rosenfeld, Clare Britton, e Clare Winnicott. Esse clima intelectual do chamado grupo Bloonsburry, que caracterizou uma época da vida intelectual de Londres, deixou traços significativos em sua personalidade. Betty tinha especial gosto pelo compartilhamento de ideias e pelo clima de debates. Em 1962 formou um grupo de discussão clínica frequentado pelas principais figuras do grupo kleiniano e suas cercanias. Tivemos o privilégio de fazer parte desse seminário depois que nos tornamos membros efetivos. Ele durou cerca de 50 anos, ou seja, quase até seu falecimento. John Steiner, Dana Birksted-Breen, Ron Britton, Michel Feldman, dentre outros dele participaram por mais de 30 anos.

Quem conviveu com Betty é testemunho de que ela não envelheceu. H. Segal brincava dizendo que Betty era a coisa mais próxima da imortalidade que ela havia conhecido. Continuou guiando, saindo à noite, indo a teatros, exposições, lendo romances, até o fim. Mantinha sua vivacidade, sua curiosidade, jamais era repetitiva, e assim deixou a esperança de se poder envelhecer com dignidade, sem nunca perdermos o viço da juventude. Não teve filhos, mas seus sobrinhos ficaram a seu lado durante toda sua vida e por eles Betty nutria imenso carinho.

Betty Joseph deixa muitas saudades. Falamos com ela pela última vez dia 7 de março quando nos pareceu estar ótima. Depois disso sofreu uma queda que fez com que sua saúde se deteriorasse rapidamente. Preferiu não ser hospitalizada e morrer em casa. Sua pessoa física deixou de fazer parte deste mundo, mas ela sobrevive vivamente através de suas ideias, das centenas de conversas que teve com os amigos, da lembrança de seu entusiasmo pela vida e de sua curiosidade universal.

Sociedade Brasileira de Psicanálise
de São Paulo (SBPSP)

A CONSTITUIÇÃO DO PSICANALISTA

Sebastião Abrão Salim

Agradeço ao amável convite de Nilde Franch, incansável e qualificada editora do FEBRAPSI NOTICIAS, para apresentar minhas referências sobre a constituição do psicanalista.

Considero este tema atual e complexo, de importância vital para aprimorar a Psicanálise, que vem recebendo crescentes críticas e ressalvas da comunidade científica.

Afastamo-nos do apogeu experimentado até próximo de 1975, quando a Psicanálise era mais presente nas universidades e o futuro psiquiatra aceitava a indicação da análise pessoal como complemento de sua formação profissional. Hoje, afastados daquele apogeu, damos pouca relevância ao esclarecimento das causas dessa mudança. Quem sabe estamos doutrinados e parados nos conhecimentos desenvolvidos por Freud e seguidores sobre o funcionamento mental e o tratamento das enfermidades mentais? Quem sabe as ciências humanas e biológicas apresentam novos desenvolvimentos importantes, conforme Freud pressagiou? Caso positivo, estaríamos resistindo em introduzi-los e adequá-los a nosso referencial teórico e técnico?

Vou me deter, de passagem, nesta questão. Penso que há fatores intrínsecos à Psicanálise, e outros de ordem externa. Entre os primeiros destaco o fato inegável de que a primazia da psicopatologia da clínica atual é diferente dos tempos de Freud. Sabemos que ele desenvolveu sua teoria e técnica de tratamento a partir dos pacientes portadores de Histeria, Fobia e Obsessão, como resultado da repressão sexual. Reuniu-as sob o nome de Neuroses de Defesa e as diferenciou da Neurose Traumática relacionada aos neuróticos de guerra, às vítimas de catástrofes terrestres, de torturas, de sequestros, de maus tratos, de violência sexual, de acidentes de veículos e outros.

Advertiu, ao longo de sua obra, do início ao fim, que se deveria esperar pelo desenvolvimento da Biologia para explicar a psicopatologia da Neurose Traumática. Afirmava que não era resultado de conflitos emocionais.

No meu entendimento e estudos, esta envolve o paciente atípico, a depressão vazia, a depressão sem tristeza, a clínica do vazio, do desvalimento e da perda da vitalidade, os distúrbios alimentares, os sintomas psicossomáticos, os distúrbios autistas, as adições às drogas, os distúrbios do pânico e outras.

Tenho considerado a psicopatologia desses pacientes definida e diferente da psicopatologia das Neuroses de Defesa. Relaciono-a ao trauma físico ou psíquico precoce, sentido com noção de morte em paciente com predisposição. Para preservar a vida, sua vítima reage com uma defesa biológica e recursos inatos originados da autogeração de sensações sensoriais para o apaziguamento da angústia de morte resultante.

Essa psicopatologia requer uma adequação da teoria e da técnica psicanalítica, mas constato que os psicanalistas continuam tratando esses pacientes com o referencial teórico e técnico das Neuroses de Defesa. É evidente que os resultados terapêuticos não são mais os mesmos de antes. Geralmente os tratamentos são interrompidos pelo paciente.

Algum colega pode considerar o estudo dessa neurose, devido sua conexão com a Biologia, como um distanciamento da Psicanálise. Não penso assim. Minha aproximação da Biologia ensejou o conhecimento da psicopatologia das entidades clínicas citadas, facilitando o exercício da associação livre de ideias, da interpretação de sonhos, dos atos falhos, da manutenção do setting e a compreensão dos fenômenos da transferência e da contratransferência. Usando uma metáfora médica, quanto mais o cirurgião conhece a anatomia e a fisiopatologia do órgão a ser operado, maior a possibilidade de êxito terapêutico. Levei décadas nesse percurso. Foi gradual porque acredito na existência em nós de uma tendência para nos remeter para distante daquilo que não nos é familiar.

Reuni recentemente no livro Psicanálise, Trauma e Neurobiologia meus estudos. De forma paradoxal defendi, e continuo defendendo, que embora os quadros clínicos citados não tenham etiologia psicogênica, o elemento central do tratamento é a Psicoterapia Psicanalítica.

Contrário a esse movimento pessoal, venho assistindo a uma tendência dos psicanalistas para a Filosofia, o Culturalismo e o Existencialismo.

Entre os fatores externos menciono a exigência da comunidade científica por evidências, para se considerar um método como científico, mediante a experimentação como se faz nas ciências exatas. Não podemos negar que a Psicoterapia Cognitiva vem abiscoitando terreno da Psicoterapia Psicanalítica, embora deixe a desejar como tratamento, e possa ser iatrogênica em pacientes com insuficiência cognitiva. Como na Psicanálise essa metodologia é impraticável, os cientistas leigos continuam afirmando que não se pode considerar a Psicanálise como ciência. Desconhecem que nosso método tem elementos idiossincráticos como a associação livre de ideias, o setting terapêutico, o trabalho interpretativo dos fenômenos de transferência e contratransferência, das relações interpessoais e das relações intrapessoais entre Id, Ego e Superego. Por meio deles podemos aferir respostas terapêuticas de nossos pacientes. A postura radical da maioria dos representantes de ramos das ciências leva a perdas para todos e para os pacientes, mas infelizmente será assim por muito tempo.

Outros fatores a considerar são as

transformações da cultura, as mudanças sociais e políticas e os fatores econômicos envolvidos no tratamento das enfermidades mentais. Estes últimos estão interferindo na conclusão do novo código de doenças mentais, devido a interesses de laboratórios farmacêuticos em criarem novas entidades clínicas com indicação de novos medicamentos.

Feito estes apontamentos, fica implícito que o psicanalista deve ser um profissional em constante formação, necessitando conviver com colegas em reuniões cientificas, congressos, grupos de estudo e cursos interdisciplinares ministrados por especialistas de suas áreas, assim como evoluir para a experiência didática, a redação e apresentação de trabalhos próprios e a pesquisa. Isso é recomendável porque é comum colegas se identificarem com uma corrente psicanalítica e só se envolverem com cursos e estudos relativos a essa corrente, isto é, ficarem extremistas. Vou me permitir relatar uma experiência pessoal, quando assistia a uma conferência feita por um estudioso sobre a origem da vida. Ao terminá-la, perguntei se durante seus longos anos de estudo e pesquisa havia pensado em deixar sua pesquisa por resistências de colegas às suas teorias. Respondeu-me que estava se afastando de suas pesquisas, mas que não era por resistências ocorridas, e sim porque se conscientizou que se tornara repetitivo ao longo das mesmas, sem dar a si a chance de repensá-las. Convenceu-se de que devia esperar pela avaliação de terceiros e abrir um espaço dentro de si para o diálogo com outros. Esta é uma questão que remete a discussão da reanálise do psicanalista, pouco tratada entre nós.

Prosseguindo, saliento que a constituição do psicanalista começa antes do curso de formação, por idiossincrasias do seu perfil psicológico. É necessário um olhar cuidadoso no processo de seleção sobre a genuína vocação do aspirante para o exercício futuro da profissão. É pertinente a avaliação por três didatas e o exame do currículo escolar do aspirante. Se necessário, um período de análise pessoal para finalizar a seleção.

Segue-se a análise didática. Lembro-me, nesse quesito, da sábia advertência de Fábio Herrnann com relação ao 'paciente criado', segundo a qual, o analista precisa estar consciente para não construir seu paciente com suas teorias e afastá-lo do seu eu, quando ele vem exatamente à procura de si mesmo. Entendo que o mesmo fenômeno pode ocorrer com a análise do candidato. O almejado é que o didata se permita ser criado pelas necessidades do candidato dentro dos parâmetros psicanalíticos. Essa conduta é importante para preservarmos e estimularmos a espontaneidade e a criatividade do candidato, elementos relevantes para o trabalho e a pesquisa psicanalítica.

Paralelamente à análise didática, acontecem os seminários teóricos e técnicos com duração de quatro ou cinco anos. Considero recomendável que 50% da carga horária sejam destinadas a seminários teóricos e a outra metade para seminários clínicos. Sou simpático à ideia de que esses últimos comecem no início do curso para ir favorecendo a integração da clínica com a teoria. As supervisões coletivas devem ser promovidas pelos Institutos de Ensino para auxiliar com o objetivo dos mesmos. O candidato tem a oportunidade de ir fazendo o cotejamento das possíveis diferenças de abordagens dos supervisores, geralmente didatas.

Outra olhada para a grade dos seminários, principalmente para aqueles que dizem respeito à obra de Freud, mostra o vício de ministrar todos os seus trabalhos, às vezes de forma cronológica, com a demanda enorme de número de horas. Devemos nos espelhar em Freud como um pesquisador, que desenvolveu uma teoria e uma técnica baseado na observação clínica. Ele foi o pai e o conquistador de um território oculto para as ciências do seu tempo. Suas teorias devem ser debatidas dentro de um contexto científico, sem idealização ou endeusamento. É desanimadora a observação do apego a ele de forma religiosa, como se fosse um pontífice a ser seguido. Essa postura cega e empobrece.

Penso que os candidatos devem escolher os temas dos seminários e os docentes, no último ano da formação. Em alguma etapa desse período deveria haver uma atividade de pesquisa supervisionada. Antes, exigia-se um estágio psiquiátrico; hoje, desconheço essa exigência. Devemos voltar a debatê-la?

Falta mencionar as supervisões oficiais, não menos importantes que os itens anteriores. Os supervisores devem ser da escolha do candidato e podem variar entre duas e três supervisões de acordo com a carga horária estabelecida.

Ao final da formação o candidato deve apresentar uma monografia sobre um tema desenvolvido em seu curso.

Para ficar em sintonia com meus apontamentos iniciais, sugiro a existência de cursos regulares de carga horária curta sobre Neurobiologia, Genética, Psicologia Experimental, Introdução à pesquisa científica, Antropologia, Otologia, Filosofia, Sociologia, Cultura, Artes e outros, desde o início da formação.

Para finalizar, espero que este meu texto sirva para estimular discussões entre colegas sobre a constituição do psicanalista, seja mediante encontros científicos ou grupos de estudo compostos para esse fim, com a ajuda dos recursos da informática, que não os substitui, mas pode nos aproximar.

Sebastião Abrão Salim (GEPMG)

TOTEM E TABU NO CONTEMPORÂNEO

Anette Blaya Luz

"Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro"

Giorgio Agamben

O próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi que vai acontecer em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre os dias 25 e 28 de setembro deste ano, tem como título **Ser Contemporâneo: Medo e Paixão**. Este tema pretende homenagear os 100 anos de um dos mais criticados livros de Sigmund Freud: Totem e Tabu e, ao mesmo tempo, propor um debate sobre as ideias de Giorgio Agamben, filósofo italiano, a respeito do Contemporâneo.

Para a elaboração desse livro, que tem como ponto de partida discussões de ideias com Wundt e Jung, Freud apoia-se em três teses científico-literárias: a primeira, de Charles Darwin, sobre a horda primeva ou horda selvagem descrita na obra "A descendência do homem e seleção em relação ao sexo" (1871). A segunda sugere que o indivíduo em sua ontogênese repete a filogênese de sua espécie. E a terceira, há muito abandonada, propunha a hereditariedade dos caracteres adquiridos. Nesse texto Freud descreve como os irmãos da horda primeva, revoltados com o direito de primazia exclusivista do macho-pai sobre todas as fêmeas, resolvem unir-se com o fim de assassiná-lo. Após esse assassinato, cometido grupalmente, a violência coletiva prossegue com aquilo que conhecemos como o festim totêmico: o ato canibal de devorar o corpo do pai assassinado. O impacto de tal gesto assassino e canibal sobre os homens da horda provocou intensa culpa e remorso. Esse momento, i.é, o momento em que culpa e remorso ocuparam a psique desse homem selvagem, seria o ponto de início de uma nova ordem social. No lugar da ordem selvagem sob o domínio despótico dos direitos e privilégios exclusivos do pai, os homens teriam instituído a ordem caracterizada pela exogamia e proibição do incesto sob a proteção de um Totem, simbolizando o Pai Primordial assassinado, dando origem ao sentimento religioso frente ao sagrado.

"Um acontecimento como a eliminação do pai primitivo pelo bando de irmãos teve que deixar traços inerradicáveis na história da humanidade" escreveu Freud (1913). As três religiões monoteístas podem ser entendidas como um exemplo desses traços cicatriciais. A partir desse enfoque, os três homens responsáveis pela implantação dessas religiões agiram de acordo com D'us. Assim, no Primeiro capítulo do Velho Testamento D'us declara as "regras totêmicas" e a proibição-tabu. Moisés foi informado por Jeová sobre as Tábuas Sagradas, regras que são a base do judaísmo há quase 6.000; depois de 4.000 anos surgem o profeta Jesus, como filho de D'us, e o Novo Testamento, que reúne o que os contemporâneos aprenderam com ele; e Maomé escreveu o Alcorão que foi ditado por Alah ou seu representante. Portanto, o mundo moderno tem nesse D'us seu antepassado primevo, como os indígenas australianos descritos em Totem e tabu tinham seus animais - todos funcionando como símbolos totêmicos.

Outro enfoque possível, que atesta a impressionante atualidade do texto freudiano, apesar de seus 100 anos, ocorre quando se assiste aos noticiários das redes de televisão brasileiras e internacionais, a propósito das inúmeras manifestações que têm surgido em diferentes pontos deste Brasil. Impacto e surpresa. Milhares de pessoas insatisfeitas com tantas e diferentes questões neste país, subitamente se deram conta de sua força quando unidas frente ao objetivo comum, qual seja, o de protestar. Ouviu-se comentário jocoso, feito por um manifestante: "parece que o gigante se deu conta que estava amarrado com um pedaço de barbante podre e velho".

Pode-se, especulativamente, cotejar os movimentos que estamos testemunhando neste junho de 2013 no Brasil com o texto Totem e Tabu? Há muitas abordagens para pensar. Os brasileiros seriam divididos em três grupos: manifestantes pacíficos, manifestantes violentos e não-manifestantes, não considerados omissos. Apenas não é o modo deles viverem.

Passado o primeiro impacto frente a esse cenário, tão fora do habitual, é possível sentir orgulho. Orgulho de ter diante dos olhos uma manifestação pacífica, bonita, viva, repleta de caras jovens, cheias de esperança de ter um Brasil melhor. Manifestação civilizada. Movida a desejo de vida. Vida melhor. Vida digna e criativa.

No entanto, em que pese a legitimidade e grandeza do protesto, a manifestação deixa de pertencer exclusivamente à categoria pacífica, da "civilização" do amor à vida, da beleza da vida. Alguns grupos, protegidos pelo anonimato característico dos fenômenos de

massa, conduziram o movimento de volta à categoria da "selvageria". Categorias Civilização e Selvageria utilizadas aqui em aproximação aos estágios da história da cultura da humanidade proposto por Lewis Morgan.

Pode-se entender que o povo brasileiro que foi às ruas do país, naquelas manifestações grupais, espontâneas e coletivas estaria cansado de se submeter aos privilégios desse pai poderoso, cheio de privilégios chamado Estado Brasileiro. A exemplo do poder a que estavam submetidos os homens da horda primeva, controlados pelo macho-pai, detentor da propriedade e primazia sobre todas as fêmeas, e tal qual os irmãos da horda, muitos brasileiros constituídos principalmente pelas classes sociais menos poderosas e mais jovens deste país, por estarem cansados de se sentir excluídos dos privilégios, revoltaram-se. A rebelião tomou as ruas e praças do país com força inesperada pela maioria da população. Manifestação que impacta pela força e vitalidade, e pela estranha surpresa que causa em muitos de nós. Estranhamento familiar, quase esperado. Das Unheimlich (1919), em alemão no texto de Freud, é usada para descrever algo que é assustador por ser novo e desconhecido; ao mesmo tempo em que é familiar e esperado, pois retorna do recalcado. Assim me parece que foram vivenciados os protestos que aconteceram nas últimas semanas em quase todos os recantos deste Brasil: com surpresa estranha e familiar, inesperada e aguardada ao mesmo tempo.

É evidente que vivemos numa sociedade bem mais evoluída do que as tribos e clãs do texto Totem e Tabu de Freud. Por essa razão não é possível fazer-se uma sobreposição exata. O que está sendo proposto é o exame do ponto de vista psicanalítico desse fenômeno, tanto inesperado e desconhecido quanto familiar e aguardado. A atemporalidade e universalidade do fenômeno é a questão em pauta.

Sabe-se que ninguém suporta sentir-se lesado por tempo indefinido. A subordinação passiva, acuada pelo medo, mais cedo ou mais tarde, explode. Aquilo que estava reprimido retorna com força e vigor redobrados. Principalmente se protegido no anonimato da grande massa coletiva. Protestar contra as frustrações e insatisfações que acontecem no dia-a-dia do país parecia não surtir efeito e também poderia ser perigoso, se realizado individual e solitariamente. Mas esse mesmo indivíduo que protesta, quando imerso no grupo e apoiado por este, sente-se forte, exatamente como os homens da horda selvagem. O grupo descobre na coletividade a força da própria voz. Esta descoberta é tão antiga quanto a época dos selvagens da horda primeva descrita na elucubração freudiana:

"Um dia, os irmãos que haviam sido expulsos reuniram-se, espancaram o pai até a morte e devoraram-no, e assim puseram fim à horda patriarcal. Unidos, ousaram e conseguiram fazer o que continuaria impossível para o indivíduo." (Freud, 1913)

Moderna e atual. É a mesma descoberta descrita por Freud há 100 anos, e vivenciada desde os primórdios da humanidade. É, pois, a descoberta de um Ser contemporâneo, que vê o escuro de sua época.

Mas, há diferenças gritantes entre os indivíduos que protestam em longas caminhadas com seus amuletos e símbolos empunhados com segurança, tais como as bandeiras do Brasil ostentadas orgulhosamente, e aqueles que, em contraste, precisam ser violentos ou os que precisam ter seus rostos encobertos atrás de máscaras improvisadas com camisetas, gesto que revela medo de terem a identidade descoberta, ou de serem vítimas de futuras perseguições políticas, ou simplesmente precisam se proteger contra o gás lacrimogênio. Todas as possibilidades são válidas e não excludentes. A televisão mostrou caras pintadas de verde e amarelo, transbordando a **Paixão** pela causa em questão e caras encobertas pelo **Medo** do gás, da identidade descortinada ou da violência.

Quando o homem que assassina o pai-dominador sente culpa e remorso, algo se transforma. A civilização é inaugurada. Nasce a cultura, a religião, a ordem. O Pai passa a ser simbolizado no Totem que não permite que o assassinato seja esquecido. Ao mesmo tempo esse

Totem adquire a função protetora daquele grupo de pessoas e passa a ser por elas adorado. Quando, ao contrario deste cenário, o nome do Pai não é lembrado, seja porque o Totem não esteja cumprido sua função protetora a contento, seja porque o indivíduo não suporta sentir culpa, então pode haver um retorno a um funcionamento –K, em que a violência é pura expressão da pulsão de morte, e o símbolo perde seu vigor.

Na condição de retorno ao selvagem, o Totem não mais existe como símbolo de valor e não há o Tabu que impede a livre satisfação de qualquer pulsão. Não há Pai morto, venerado e adorado através do Totem. Não há Pai morto porque provavelmente não houve Pai vivo. Não houve a lei. Não houve o impedimento que leva à frustração e que pode conduzir ao assassinato simbólico do Pai. Assassinato este que, por ser simbólico, é libertador e pode ser transformado em Lei interna.

O Totem, símbolo da culpa pelo pai assassinado, não pode ser desenvolvido quando o amor pela vida é nulo, quando a criança nasce em ambiente hostil e pouco acolhedor, onde o maltrato é a regra, onde à criança é negada a chance de cultivar a esperança na raça humana e em uma vida segura e plena, onde a culpa não tem chance de se desenvolver frente ao festim totêmico. As tribos e clãs primitivas consideravam o Totem como relacionados a seus ancestrais e por isso mesmo seriam seus protetores. A proteção seria então garantida como recompensa sempre que o Tabu fosse respeitado. Mas, se o Totem se mostra incapaz de proteção, o Tabu pode ser ameaçado de rompimento.

Para dar origem ao Totem protetor, a refeição totêmica que é um ato coletivo precisa estar repleta de ambivalência: dor e júbilo pela morte do animal totêmico. Dor e júbilo foi o que se viu frente às manifestações do povo brasileiro.

Além do vértice freudiano, através de Totem e Tabu, nosso Congresso pretende enfocar algumas ideias propostas por G. Agamben, um dos maiores filósofos vivos da atualidade. Nascido em Roma em 1942, é autor de várias obras que percorrem temas que vão da estética à política. Os trabalhos de Agamben mais conhecidos incluem sua investigação sobre os conceitos de estado de exceção e homo sacer. Na busca da compreensão do mecanismo político contemporâneo, Agamben toma emprestado de Foucault o termo dispositivo e o alarga. Amplia imensamente. Sugere que o dispositivo seja "qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". Relaciona o Ser, o vivente, com os dispositivos, dando origem ao sujeito. Propõe uma reflexão sobre a sociedade contemporânea em sua responsabilidade na geração de sujeitos "dessubjetivados", e como esses são mecanismos que buscam controlar os indivíduos.

E sobre ser contemporâneo? O que pode ser dito? A pergunta que inaugura nosso debate é: "o que significa ser contemporâneo?". Para Agamben é preciso recorrer a Nietzche em busca de uma resposta. Para esse autor, a contemporaneidade é uma condição intempestiva: está dada numa relação de desconexão e dissociação com o tempo presente. Somente aqueles que estão afastados de seu tempo (mas não de forma nostálgica), apreendem sua própria especificidade. Dessa forma, diz-nos Agamben, "a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distancia". Todo indivíduo que coincide muito plenamente com sua época, que em todos os aspectos a esta se identifica com plenitude e perfeição, não pode ser contemporâneo porque, exatamente por isso, não consegue vê-la, não pode manter fixo o olhar sobre ela. Agamben sugere uma relação com o escuro: "contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro". Portanto, conseguir ver nessa escuridão é condição de ser contemporâneo a seu próprio tempo. Ser contemporâneo é justamente "neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes". Pode-se conjeturar alguns exemplos disto: "perceber o que há no "escuro" da comunicação ao neutralizar as luzes excessivas da televisão; entender o silêncio, quando a música está exageradamente alta; as relações sociais, enquanto todos se evitam por pressa; a arte, enfim, quando o que há de produção artística é um sem-fim de lugares comum" (CAD MAMAN).

Que tal debater mais a respeito destas questões? Nosso Congresso visa proporcionar momentos importantes exatamente sobre estas Reflexões: **Ser Contemporâneo: Medo & Paixão**. Neste artigo é apresentado uma brevíssima amostra, um aperitivo para convidar a todos a desfrutar de estimulantes encontros científicos. É também uma ótima oportunidade de um agradável convívio social com colegas de todas as latitudes deste Brasil. De quebra o congressista poderá desfrutar das belezas que Mato Grosso do Sul oferece, com sua natureza exuberante e viva.

Esperamos todos vocês em
Campo Grande!

Sociedade Psicanalítica
de Porto Alegre (SPPA)

PA

Luiz Tenório Oliveira Lima

FEBRAPSI: Em muitos dos textos de Freud é possível traçar uma genealogia das ideias e dos conceitos nos próprios escritos freudianos iniciais (pré-psicanalíticos) ou mesmo em suas cartas de juventude. Uma exegese do texto 'Totem e tabu' faz sentido nesses moldes?

Tenório: A pergunta é interessante pois ela vem de encontro ao método que há tempos venho utilizando em meus seminários de Freud, que é justamente a genealogia das ideias e das teorias internamente ao texto, como resposta aos problemas advindos da atmosfera cultural em cada momento evolutivo da obra. Esse modo de ler e estudar Freud e os autores significativos se relaciona com o método genético-histórico, por oposição ao método lógico em que se faz uma leitura conceitual de forma horizontal. Na leitura de como as ideias foram sendo constituídas, é muito rico perceber a tensão entre os diferentes métodos, principalmente utilizando as características de metodologia rigorosa da tradição positivista – falo no sentido positivo do termo, pois às vezes se usa pejorativamente. À luz dessas diferenças é que examino muitas das teorias produzidas, tanto as pré quanto as propriamente psicanalíticas. Respondendo especificamente à sua pergunta, 'Totem e tabu' é um texto em que por excelência já está em jogo uma grande tensão entre algumas interpretações da teoria de Freud para explicar certos fenômenos culturais, antropológicos, e outras, das quais ele discorda radicalmente, como a teoria de Jung. O diálogo com a psicologia experimental de Wundt também está presente; Freud também guarda distância dela, mas a respeita e considera muito eficiente para o contexto. 'Totem e tabu' é escrito como resposta a essas duas formas de explicar os fenômenos culturais: a partir de uma visão que hoje nós chamaríamos de behaviorista, ou como vai se desenvolver depois, reflexológica, que se relaciona com técnicas e formas de pesquisa cognitivas (Wundt), e as tentativas mais mitológicas de compreender e explicar tais fenômenos culturais, como aponta a posição de Jung. Com muita perspicácia, competência extraordinária e cultura, Freud foi levado a abordar o tema principal da antropologia e das ciências sociais da época, na Europa, que era o totemismo. Ele dá uma solução que se afasta tanto da visão positivista de Wundt, quanto da visão metafísica, mais idealista, de Jung, e assim fica mais moderno. Apesar dos problemas etnográficos, das teorias evolucionistas, etc.,atualmente ainda se pode dialogar com esse texto. Alguns textos são datados, mas esse tem uma vivacidade e até atualidade do ponto de vista antropológico.

FEBRAPSI: Como o contexto histórico de 1913, tanto em seu aspecto político e social, quanto em relação à história da psicanálise, influencia e está presente na escrita de 'Totem e tabu'?

Tenório: Esse é um aspecto importante porque esse texto é de 1912-13, imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial que, por suas dimensões, modificou completamente o modo de se pensar o mundo, a produção científica, a literatura, a psicanálise e o próprio Freud. A segunda tópica, a teoria estrutural, 'O ego e o id', a teoria dos instintos, 'Além do princípio do prazer', vêm imediatamente após a Primeira Guerra, como também o desenvolvimento da teoria das relações de objetos, a partir de Abraham, Klein, Jones e Otto Rank. Nos cinquenta anos anteriores à Primeira Guerra, a Europa vinha num desenvolvimento científico e cultural extraordinário e é nesse contexto que eu quero examinar 'Totem e tabu', pois isso mostra a atualidade de Freud em relação às ciências humanas. Tanto na Alemanha como na Inglaterra e nos Estados Unidos, em todas as obras do fim do sec. XIX e início do XX, o tema do totemismo era não só antropológico como também discutido na literatura. Bem como o eram os temas "das profundezas da mente", do inconsciente, sonambulismo, sonhos e o tema do incesto, que na verdade torna-se a motivação e o foco essencial desse trabalho. Além de polemizar com as duas áreas metodológicas (Wundt e Jung), Freud constrói um mito, o da horda primitiva, baseado em dados da antropologia de visão evolucionista, que contém a ideia de que a história da humanidade é contínua, vem desde os primitivos até o homem civilizado europeu, ideia em grande parte ultrapassada pela antropologia que veio posteriormente. Essa visão evolucio-

nista percorre todo o texto, e Freud vai construir um mito dentro da grande tradição dos mitos de origem, remontando a Platão, no "Timeo". Intuitivamente ele se vale de uma tradição mítica no ocidente para construí-lo. Do ponto de vista psicanalítico, essa mitologia corresponde ao processo de individuação, do nascimento da criança da pré-história de todos nós em relação à nossa infância primitiva. Se nos deslocarmos para esse plano, é de uma atualidade espantosa. Não se trata mais do primitivo, da horda, mas do internalizado do ponto de vista psicanalítico. Embora Freud fosse um homem do sec. XIX, isso não o torna anacrônico. Somos herdeiros, apesar das grandes rupturas, de tudo o que foi produzido na segunda metade do sec. XIX. Essa herança foi atacada pela Primeira Guerra, que a interrompeu e introduziu o ceticismo quanto à ideia de progresso e de desenvolvimento contínuo. Se nós observarmos os textos de Freud da primeira década do século XX, eles estão em grande parte comprometidos com a ideia de evolução, de contínuo progresso, de cura. Isso se rompeu. No caso da constituição do campo psicanalítico, em "A interpretação dos sonhos", a atualidade permaneceu porque a teoria psicanalítica, tal como a entendo, oferece o modelo de personalidade clivada, descontínua em seus desenvolvimentos.

FEBRAPSI: Com relação ao que você falou sobre a modernidade de Freud, em que medida ela se deve à equivalência que ele coloca entre a evolução da espécie e a evolução da cultura, ou seja, à ideia de que a civilização em alguma medida reproduz o desenvolvimento do homem primitivo e da criança?

Tenório: Primeiro é necessário precisar o termo moderno: o sec.XIX é moderno. Então, trata-se do que é 'atual', que está também no tema do Congresso. Assim, o texto continua atual, não se torna discrônico ou anacrônico. A respeito da filogênese e da ontogênese, daquilo que se repete na cultura, a teoria biológica clássica do sec. XIX desenvolveu a ideia de que a ontogênese repetia a filogênese. E em grande parte, Freud se rendeu a essa tradição. Segundo minha interpretação, ele procurou dar um contorno, confinar seus talentos a uma posição objetiva, positiva, científica. Embora tivesse vocação para a escrita, para a literatura, para a filosofia, para o direito, ele priorizou o vértice científico. Nós, analistas, muitas vezes temos dificuldades de ficar nesse meio, nessa virtude, nessa virtus em nosso trabalho analítico de consultório, evitando seja a especulação excessiva, seja a terapia comportamental mais cognitiva. Para Freud, ciência é controle. Setting analítico é controle, e se sairmos do setting o descontrole surge imediatamente. Muitos analistas, e também o senso comum psicanalítico, usam isso quase literalmente, filogênese e ontogênese como eram compreendidas por Freud na primeira década daquele século, quando o biológico estava muito próximo do psicanalítico. Um dos desenvolvimentos possíveis das ideias de Freud e da psicanálise depois da Segunda Guerra é se afastar da biologia. Mas não do corpo, não da condição invariante de que somos suportados biologicamente, isso é diferente. A ideia de ontogênese perdeu atualidade, mas o que é muito atual é que o individuo adulto repete o tempo todo sua história primitiva. O equivalente da filogênese para o analista, hoje, é a presença do mundo primitivo. Não para ser extirpado, porque o evolucionismo acabou, mas pelo contato com os aspectos que o indivíduo poderá desenvolver e com aqueles que jamais serão desenvolvidos, que são a substância da vida inconsciente. A partir de 'O ego e

o id', o inconsciente é substancial. Há muita crítica dos filósofos a esse respeito, principalmente dos pensadores franceses, que acham que essa compreensão se aproxima demais da metafísica. Mas é fato de que há uma matriz inconsciente que é corporal e é vivida como um todo, como um bloco de vivências que são sensoriais e psíquicas simultaneamente. Daí a força. Isso é id, que se diferencia em eu e objeto interno. Podemos rever e voltar à abstração da primeira tópica, consciente e inconsciente somente, como uma forma abstrata, como produtores de marcas, que é aquilo que vai ser desenvolvido por Lacan com a teoria da linguagem, que é muito útil também, mas é uma teoria desencarnada. Freud enfrentou uma luta enorme para manter encarnada essa teoria.

FEBRAPSI: No número 49 do FN, a propósito do tema do próximo congresso, Sérgio Nick comenta que "o 'homem freudiano' deu lugar ao 'homem pós-moderno'", a uma nova subjetividade e a novas patologias, demandando também novos posicionamentos para dar conta da "Clínica do Vazio e dos Pacientes de Difícil Acesso". O que há de "novo" e o que se mantém como a mesma condição humana de sempre, apenas com uma nova roupagem?

Tenório: Essa questão é muito importante, e acredito que meu ponto de vista é um pouco contra a corrente. Penso que existem muitas situações que aparentam novas patologias, mas acredito que esse vértice não seja especificamente psicanalítico. Isso não quer dizer que os analistas não possam se preocupar com ele. Dialogo com colegas psiquiatras, estou atento a isso; não podemos perder de vista esse viés, mas ele não é especificamente psicanalítico. Primeiro porque a psicanálise só se interessou por psicopatologia e por nosografia, portanto novas patologias tipificadas, antes da Primeira Guerra. Vindo do estudo das neuroses, Freud se utilizou de um modelo médico, que a partir de "A interpretação dos sonhos" já estava sendo flexibilizado; mesmo assim, a ideia de diagnóstico continuou a ter influência na área das neuroses. Entre 1907-8 e 1914, a Escola de Zurich trouxe como problema principal a questão da psicose. Esse foi um momento crucial, ao qual 'Totem e tabu' foi uma resposta, junto com 'Luto e melancolia, 'Introdução ao Narcisismo' e a 'História do Movimento Psicanalítico'. Mas Freud vai continuar considerando que os pacientes psicóticos não fazem transferência, assim como as crianças.. Isso vai ser modificado depois da Segunda Guerra Mundial por Abraham, o primeiro a trabalhar com isso, e por Melanie Klein, com a clínica de pacientes psicóticos. O termo 'psicótico', que costumamos utilizar, ou aspectos psicóticos, parte psicótica da personalidade, partes neuróticas, não significa que estamos tipificando, pois paciente e analista estão sujeitos a esse funcionamento. Posso controlar na Grade, ou perceber que minha contratransferência foi uma atuação psicótica, posso dizer "meu paciente teve uma atuação perversa", tudo isso é perfeitamente legítimo, mas não tem o mesmo sentido que os psiquiatras dão. Quanto às novas patologias, o analista tem que estar atento e se informar sobre a produção contemporânea, mas seu vértice é sempre psicanalítico. O psiquiatra trata com antidepressivo ou neuroléptico e eu, como psicanalista, vou ver o paciente psicanaliticamente. Para se manter como psicanalista, a melhor coisa é manter o setting rigoroso que Melanie Klein foi a primeira a instituir com crianças e psicóticos. Não é necessário mudar o setting. Do surto, da família, outros cuidam. Nesse aspecto, penso que a ideia do Bion de variantes e invariantes é muito útil. Há certas noções psicanalíticas que se referem a invariantes que são norteadores para o trabalho do analista, para que ele não se deixe confundir pelo outro plano, também importante, que se dá no nível da cultura, do social, das transformações aceleradas no mundo externo e no comportamento externo das pessoas. Mas no mundo interno, como isso se reflete, do ponto de vista do que é invariante? Essa é uma questão importante porque certas coisas são irredutíveis,como por exemplo a teoria freudiana dos instintosl. O que são os instintos, do ponto de vista psicanalítico? Nesse sentido, tanto no homem primitivo,como no bebê ou em nosso analisando, os pressupostos são os mesmos. Não há alteração.

FEBRAPSI: E você diria, então, que no atendimento psicanalítico às ditas novas patologias, o setting é a esteira em que o analista precisa se manter?

Tenório: Olhando para as novas patologias, têm-se os quadros típicos do ponto de vista da nosografia psiquiátrica, que estão no centro do espectro diagnóstico. E a partir daí, tem-se os quadros e variantes periféricos, muitos deles chamados de novas patologias porque anteriormente não eram reconhecidos nem tipificados. Quando eu trabalhava com psiquiatria clínica, trabalhei muito com PMD, que ai sim era tipificado; hoje, ele é o centro do espectro, e na periferia há muitos dos quadros que retrospectivamente Freud diagnosticou como histeria, e que não se curaram a não ser momentaneamente, com a cura transferencial. Muitos desses quadros estão no espectro do transtorno afetivo bipolar, transtornos alimentares, na periferia e com maior ou menor gravidade. O mesmo acontece com as esquizofrenias: você tem o centro, e na periferia certos estados bordelines, fronteiriços que nós atendemos. Nesse sistema há muitas modificações culturais, com a cultura das drogas, do exibicionismo das 'modelos', que vão resultar no que os psiquiatras mais antigos chamavam de patoplastias. Eu gosto muito disto, de observar a maneira como aquela personalidade, em interação com a cultura, produz determinado tipo de sintoma. Eu diria que muitas das novas patolo-

XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

"SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO"

25 A 28 DE SETEMBRO DE 2013
Campo Grande- MS

informações: www.febrapsi.com.br/congresso

gias são patoplastias contemporâneas, são formas irredutíveis que se manifestam e às quais temos que ficar atentos. São formas até interessantes e que às vezes se confundem com o meio cultural; ouve-se: "Ah é coisa de adolescente!" Mas, se observarmos com cuidado, pode haver algo de psicose em germe, do tipo clinico, se formando. Acho que o analista deveria ser treinado para observar essas possibilidades, porque muitas vezes, o uso da maconha, por exemplo, é sintoma patoplástico. Muitos pacientes psicóticos inteligentes, com alto grau de comprometimento no espectro esquizofrênico, podem confundir-nos, porque o que apresentam é patoplástico; por exemplo, vão para o Santo Daime, como aquele que matou o desenhista Glauco; é típico esquizofrênico, não há dúvida. É patoplástico, porque apareceu ali contido numa determinada situação. Ao invés de pensar sobre o diagnóstico, escapa. Isso é um perigo para nossa atividade.

FEBRAPSI: "Fazer o luto de muitos de nossos conceitos é a tarefa mais urgente para o psicanalista contemporâneo", nas palavras de Marcio Giovannetti no número 49 do nosso Jornal. Quais seriam esses conceitos e por que deveríamos proceder a seu luto? Ele ainda afirma que é para uma "crise identitária (das instituições psicanalíticas e da psicanálise) que o contemporâneo nos convoca". Como você vê essa crise?

Tenório: Vamos matizar a pergunta. Acho interessante a maneira como Márcio fala. Concordo; de fato, vivemos uma crise, não só do ponto de vista do movimento psicanalítico, como do trabalho psicanalítico, do exercício dessa função. Não sei se ele usou a palavra luto no mesmo sentido que vou usar, pois eu perguntaria: luto de quê? Eu não diria que é necessário um luto de conceitos, porque estes podem ir se atualizando, mas na verdade talvez ele esteja falando de algo mais abrangente. Os analistas têm dificuldade de reencontrar sua identidade porque sua identidade estava muito ligada a um aspecto triunfante em relação às demais disciplinas, um aspecto de superioridade, hegemônico, de que a psicanálise iria resolver tudo. Eu até vivi, durante muitos anos, esse clima e adotava a ideia de que nossos conceitos – que, aliás, embora eficientes, são tão precários - eram superiores aos dos psiquiatras, dos psicopedagogos, dos psicoterapeutas de outras orientações. Nós nos sentíamos muito centralizados. Nesse sentido, sim, esse aspecto narcísico da nossa identidade precisou e precisa de luto, porque nós analistas não temos esse poder. Nós não somos filósofos, sociólogos, pedagogos, nós não somos militantes, nós somos analistas. Podemos até ser cada uma dessas coisas, mas enquanto analistas estamos confinados a uma situação muito delicada, muito precária e que requer muito da nossa atenção. Nesse sentido o luto é necessário. Agora, quanto a conceitos, não necessariamente.

FEBRAPSI: A propósito do tema do próximo Congresso, Admar Horn afirmou no número 48 do Jornal que "O medo seria uma das formas possíveis de se lidar com a obscuridade, lembrando que a obscuridade é inerente a toda experiência contemporânea, tal como entendida por Agamben; talvez seja a face propriamente escura de um determinado tempo vivido. E a paixão seria a face de ligação, de construção, a face clara da experiência". Você pensou no tema relacionado ao 'Totem e tabu'?

Tenório: Tenho pensado o tema do Congresso em relação a 'Totem e tabu', mas não na direção em que o colega do Rio pensou, porque não era o meu foco. Do ponto de vista psicanalítico, o medo e a angústia são um desdobramento natural. O que sobra no lugar da ação ou do stress associado à ação, da proteção contra o predador, é a angústia. Acho que tanto o medo quanto as formas que a paixão assume sempre existiram, são invariantes. Mas o problema das famílias atuais, os conflitos, as disputas, as paixões e a situação edípica tendo tanta ativação, advém do fato de que as famílias se constituíram por amor. O casamento monogâmico por amor, que é uma conquista, cria muitos problemas, porque desde o sec. XIX os filhos passaram a ficar presentes, a viver com os pais, o que gera inúmeras tensões. Por outro lado, foi esse elemento que tornou possível a teoria do Édipo, baseada na própria autoinvestigação de Freud e a instauração do tabu do incesto que, em grande parte, sustenta a atualidade da psicanálise.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Carlos Vieira

MEDO E PAIXÃO

O próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise tem como tema - Ser contemporâneo: medo e paixão.

O que chama atenção nesse título nos dias de hoje? Por que medo e paixão, ou no meu entender, medo da paixão, medo de amar, de se envolver afetiva e emocionalmente com outra pessoa? O individualismo e egocentrismo do ser humano hoje é uma grande defesa psíquica evitar a elaboração dos conflitos inerentes de uma vida amorosa. Uma vida amorosa que inevitavelmente começa pela paixão é natural que traga medo, pavor de se machucar, desapontar e perder a pessoa amada.

A paixão, que tem como modelo inicial o apego pela mãe, enquanto primeira relação de amor, fala da necessidade de se criar alguém "salvador" da condição precária, física e emocional do ser humano. A vida começa por uma experiência inicial de abandono e uma necessidade de ser acolhido. Ninguém começa uma relação sem paixão, sem esse "fogo intenso, desejo convulsivo em direção à alma gêmea". Alma gêmea, à procura do nosso gêmeo, experiência fantástica, imaginária, com a finalidade de nos oferecer um sentimento de completude. A paixão é uma vivencia turbulenta, fusional, proporcionando experimentar a "ilusão de unicidade" necessária momentaneamente.

"A tua boca de chama, o colo túrgido,
Teu ardente perfume
Arrastam-se a um abismo de alegria:
Ah ser em ti, perder-me todo em ti,
E em declínio soldar nossos desejos."

Versos de um poema de Cláudio Allori, traduzido pelo nosso poeta Manuel Bandeira em seu livro – Estrela da Vida Inteira, Poesia Completa.

Veja, caro leitor, "ser em ti, perder-me todo em ti,/ E com delírio soldar os nossos desejos", canta o poeta, de uma maneira metafórica e simbólica para descrever a experiência da paixão humana. É óbvio que esse estado (de paixão) é algo necessário, contundente, arrebatador, mas passageiro, como um prelúdio ao Amor, o amor maduro, consciente de que mesmo juntas, duas pessoas são pessoas separadas, únicas, diferenciadas e não fundidas, confundidas, que não perdem sua individualidade!

Acontece que vivemos num mundo de consumo, da predominância dos impulsos orais, canibalísticos para ter o Outro, a posse dele, não como objeto de amor e sim de uso para o prazer, controle e a serviço da necessidade egocêntrica, narcísica, individualista e por que não dizer, incorporadora do outro como posse.

O que o poeta escreve de uma maneira simbólica, as relações amorosas da pós-modernidade acredita de um modo concreto, necessário e permanente.

Será que estamos vivendo a predominância da relação de posse para a satisfação puramente física, sexual, material em detrimento da relação amorosa de parceria, complementação e tolerância às diferenças? Se faz sentido pensar que o modelo atual é um modelo de uso, simplesmente do "ficar" e não "do envolver-se amorosamente", tem sentido, pertinência a preocupação dos psicanalistas em estudarem o medo e as paixões!

Amar é se envolver com prazer e com dor. É desenvolver capacidade psíquica de estar sempre elaborando os afetos envolvidos na relação amorosa. E os afetos contidos em qualquer relação dizem respeito a – amor, ódio, rivalidade, competição, inveja, ciúme, desejo de posse, cuidado, respeito, consideração e responsabilidade.

É óbvio, e você vai concordar comigo, que: na escolha de uma pessoa, passa-se necessariamente pelo estado inicial da paixão, mas requer trabalho psíquico de cuidado e dedicação mútua, mesmo porque as pessoas têm diferenças, e não só igualdades. Quando se está disponível para amar é necessário fazer renúncia ao egoísmo mortífero, para desse modo desenvolver uma relação com individualidade própria. Sempre juntos e separados, essa é a sabedoria de amar.

A intolerância atual à frustação, e principalmente ao desapontamento amoroso, cria o pavor, o medo e a dúvida de se ligar a alguém. Principalmente quando se trata de pessoas que viveram desapegos e abandonos precoces em sua infância, assim como pessoas que nasceram com um sentimento de gula e voracidade muito intensos. Diz a sabedoria popular – "essas pessoas são gatos escaldados que têm medo de água fria". É verdade mesmo, a clínica psicanalítica vive, dia a dia, trabalhando essa experiência emocional de – medo da paixão – pavor das relações de intimidade afetiva.

Acrescentro a esses pensamentos a transcrição da letra de uma música de Paul Simon – Eu sou uma Rocha (*I am a Rock*):

"Ergui paredes
Uma fortaleza, alta e forte
Que ninguém pode penetrar.
Não preciso de amizades.
Amizades causam dor.
É o riso e é amar o que eu desdenho
Sou uma rocha,
Sou uma ilha
Tenho meus livros
E minha poesia para proteger-me
Estou blindado em minha armadura
Oculto em meu quarto
Seguro dentro do meu útero
Eu não toco em ninguém e ninguém me toca
Sou uma rocha
Sou uma ilha.
E uma rocha não sente dor
e uma ilha nunca chora".

O POETA E APREENSÃO DA REALIDADE PSÍQUICA

"O amante, o lunático e o poeta
São de imaginação somente feitos.
Um vê mais diabos do que cabe o inferno,
Assim é o louco e também o amante.
Vê a bela Helena num semblante egípcio.
O olho do poeta, delirante vaga,
Passa da terra ao céu, do céu à terra.
E enquanto dá contorno à fantasia
A coisa até então desconhecida
A pena do poeta lhe dá vida
E ao que era vácuo um nome dá
e um lugar fixa"

William Shakespeare,
A Midsummer's Night Dream, v.I.
Tradução de Geraldo Holanda Cavalcanti

Há anos que estou convencido de que a Literatura é uma ferramenta indispensável às pesquisas psicanalíticas e à aprendizagem do ofício para se ser Analista. Impossível pensar-se num psicanalista que não tenha como recurso interno a capacidade estético-artística. A observação do mundo psíquico de uma pessoa requer alguém que tenha, que treine e discipline o olhar para aquilo que se esconde além da consciência. Foi assim que Freud denominou sua psicologia – Metapsicologia –, um olhar que transcende a impressão sensorial e vai apreender o "sem nome", o "não dito", enfim tudo aquilo que repousa no Inconsciente e no Consciente não pensado, urgindo ser traduzido em palavras.

Ainda citando o belo livro de Geraldo Holanda Cavalcanti – A Herança de Apolo – Poesia Poeta Poema – Ed. Civilização Brasileira, 2012 – "O poeta português José Gomes Ferreira também vê no escuro o que os outros homens não vêem. Poeta é o que?/Um homem que leva/ o facho da treva/ no fundo da mina/ - mas apenas vê/ o que não ilumina"... Escreve Geraldo Holanda: "Seria o poeta, assim, detentor de antenas especiais, dádiva ou não divina, mas, de qualquer forma, dom que o separa dos demais mortais e sobre eles o eleva, ao permitir atravessar a pele dos objetos ou dos eventos e vislumbrar-lhes as entranhas ou, ainda, o que, por trás de tais objetos ou fatos, está acontecendo ou por acontecer."

A formação de uma psicanalista vai exigir que o mesmo tenha e aprenda os recursos da poética. Wilfred Bion, analista indiano com formação na Inglaterra, desenvolveu um método de observação da realidade psíquica que abrange três vértices: o científico-filosófico; o estético-artístico e o místico-religioso. Freud afirmava que via nas narrativas dos romances aquilo que escutava em sua sala de análise.

Outro dia, lendo e relendo um poema de Affonso Romano de Sant'Anna, poeta, ensaísta, cronista, jornalista, e mais um dos grandes mineiros da Literatura Brasileira que migraram para a Cidade Maravilhosa, como Drummond, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e tantos outros de não menos importância – Ulisses, O Retorno – contido em seu livro "Vestígios" (2005), dei-me conta do intróito que faço neste escrito de hoje sobre a importância da apreensão da realidade psíquica pelos poetas passeando de mãos dadas com os analistas.

A experiência de uma análise é uma ousadia mútua, de duas pessoas corajosas no sentido de adentrar o interior da mente e experimentar medo, angústia, temores, alegrias e satisfações, na vivência em adquirir conhecimento psíquico e, quem sabe, empreender mudanças em suas vidas. – é o que plagio de Glauber Rocha – "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Freud deixou esse legado: a mente traz dentro de si "impulsos de vida e impulsos de morte". Podemos pensar num modelo simpático: Caim e Abel não eram duas pessoas, e sim pares de opostos num só Ser. Todos nós temos dentro aspectos Caim e de Abel. Naquilo que o poema de Affonso me tocou, diz respeito à angústia da vivência do Tempo, e do prazer e dor que se sofre quando se vive uma mudança psíquica. Quando se experimenta uma mudança quebra-se um modo de ser anterior; instala-se um tempo de desorganização necessária, e vai aparecendo uma nova forma de ser e funcionar psiquicamente – essa é a função primordial de uma análise. Não há mais possibilidade de se voltar ao antigo.

Melhor deixar, caro leitor, o Poeta falar:

Ulisses,
O Retorno

"Como voltar/ depois de Itaca/ das
sereias/ dos cíclopes/ de tanto assombro/
de tanto sangue na espada?
Como voltar/ se aquele que partiu/ partiu-
se/ e voltará os fragmentos do excesso?
Não há retorno/ Há outra
viagem/ diariamente urdida/
dentro da viagem/ antiga.
Embora o caminho/ da volta/ seja
percorrido/ ninguém retorna/
apenas volta a viajar/ no espaço
anterior/ estranhamente familiar.
Como se o regresso/ fosse acréscimo/ e o
viajante descobrisse/ que é atrás/ que está
a fonte/ e na alvorada/ o horizonte/ não há
retorno./ Há o contorno/ do próprio eixo/
o tempestuoso/ périplo do ego/ um diálogo
de ecos/ como quem/ tenta encaixar/
diferentes rostos/ no mesmo espelho.
Por isto, o retorno/ inelutável/ é perigoso/
exige mais perícia/ que na partida/ mais
destreza/ que nos conflitos/ pois o risco/
é naufragar/ exatamente/ quando
chegar ao porto."

Sociedade Psicanalítica
de Brasília (SPB)

Associação Psicanalítica Internacional (IPA)

Mauro Gus

As atividades de Co-Chair dos Novos Grupos da IPA são muito intensas e relevantes por constituírem-se como o principal formato que construímos para a instalação de novas Sociedades nas três áreas integrantes de nossa Instituição Maior e que, por manterem uma expressiva comunicação com as Federações crescem de significado, pois trabalham em conjunto para a divulgação e manutenção da Psicanálise tal como a pretendemos científica, técnica e teoricamente.

As atividades do ING são orientadas de acordo com os preceitos estabelecidos pelos Regulamentos e pelas Administrações da IPA e aprovados pelo Board de Representantes Regionais.

Assim sendo e como participante há dez anos deste Comitê e nos últimos quatro anos ocupando o cargo de Co-Chair para América Latina, tivemos o prazer de orientar a construção de nove Novos Grupos e indicar os Sponsors que exercem sua função com absoluta dedicação aos eixos reguladores que estão à disposição de todos nós na página Web da IPA.

Trata-se de tarefas de grande responsabilidade, sendo necessários constantes contatos pelos atuais meios de comunicação entre o Chair do ING Jorge Canestri, o Co-Chair pela Europa e outro pela América do Norte e Canadá. Reunimo-nos em NYC, anualmente, e cada Congresso das Federadas proporciona condições de trocarmos ideias com os Sponsors que cobrem a construção dos Novos Grupos em cada Continente.

Assim a FEBRAPSI colabora ativamente com muitos brasileiros e, em nossa gestão, alcançamos a aprovação, pelo Board, para a formação das duplas de Sponsors com colegas brasileiros, evitando assim o deslocamento de colegas de outros Continentes para exercerem essa função. Como decorrência de nossas dimensões continentais, colegas das mais variadas latitudes constroem novos grupos, o que diminui os custos de modo significativo para os integrantes de novas Sociedades, possibilitando a troca de experiências com a mesma língua e cultura. Importante salientar a ativa participação de Heitor Gunther Perdigão, Secretário Geral da IPA, para alcançarmos esta expressiva decisão de construirmos duplas de Sponsors que fossem brasileiros para brasileiros.

Para finalizar citamos os Novos Grupos da IPA na América Latina: no México, Guadalajara, Monterrey e Leon-Guanajuato, no Paraguai o Grupo de Assunción, no Brasil Fortaleza, Belo Horizonte, Campinas, Goiânia e Curitiba.

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

notícias da IPA*

*International Psychoanalytical Association (Associação Internacional de Psicanálise)

RESULTADO DAS ELEIÇÕES 2013 PARA O BOARD DA IPA

REPRESENTANTES DA AMÉRICA LATINA:

Beatriz María De Léon de Bernardi (Uruguai)
Ruggero Levy (Brasil)
Mónica Seidmann de Armeto (Argentina)
Altamirando Matos de Andrade Jr.(Brasil)
Carlos Ernesto Barredo (Argentina)
Jorge Bruce (Peru)
Ruth Axelrod Praes (México)

palavras da editora

NILDE PARADA FRANCH

Este é o quinto e penúltimo número do FN da presente gestão. É basicamente centrado no tema do Congresso Brasileiro, ainda que fiel à nossa opção de investigar a Construção do Analista, de diferentes pontos de vista.Nosso colega Sebastião A.Salim (GEPMG) psicanalista e escritor, aqui nos oferece seus pensamentos sobre o tema baseados em sua longa experiência.

A homenagem que prestamos a Betty Joseph, recentemente falecida, foi escrita por Elizabeth e Elias Rocha Barros (SBPSP), seus grandes amigos que aqui compartilham conosco aspectos relavantes da personalidade da admirada colega da Sociedade Britânica.

Mauro Gus (SPPA) nos proporciona possibilidade de saber mais sobre o Comitê de Novos Grupos, da IPA, de que foi Co-Chair para América Latina até julho último.

O belo texto de Carlos Vieira (SPB) estimula nossas reflexões sobre o medo de amar, o temor de estabelecer vínculos afetivos pelo medo da perda, as diferenças entre paixão e amor, e muito mais.

Luiz Tenório Oliveira Lima (SBPSP), grande estudioso da psicanálise, da filosofia, história e literatura responde a algumas questões do FN. Falamos a respeito do método genético-histórico por ele utilizado em seus estudos e seminários sobre a obra de Freud e outros autores; perguntamos sobre como via, de seu ponto de vista, as influências dos aspectos políticos e sociais da época na escrita de Totem e Tabu, e sobre a atualidade desse texto. Propusemos o desafio de ligar pensamentos expressos por Admar Horn, Marcio Giovannetti e Sérgio Nick em números anteriores a seu modo de pensar algumas questões

Anette Blaya Luz (SPPA) nos apresenta reflexão importante e bem construída sobre a relação dos fenômenos de massa, das manifestações de rua observados nos últimos meses no Brasil, com as ideias contidas em Totem e Tabu. Destacamos: "Quando o Homem que assassina o Pai-dominador sente culpa e remorso, algo se transforma.A Civilização é inaugurada." "Quando, ao contrário, o nome do Pai não é lembrado, ...a violência é pura expressão da pulsão de morte".

Aguardamos com 'paixão e medo' a realização de nosso Congresso, a que nossa Presidente Gleda Brandão, o D.Científico Admar Horn, seu secretário Daniel Delouya e todos nós, diretores, nos dedicamos com muito amor.
Até o próximo FN e boa leitura a todos!

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

CONSELHO DIRETOR

Presidente
Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo

Secretária Geral
Silvia Helena Heimburger

Tesoureira
Rosaura Rotta Pereira

Diretor do Conselho de Coordenação Científica
Admar Horn

Diretora do Conselho Profissional
Ana Paula Terra Machado

Diretora do Depto de Publicações e Divulgação
Nilde J. Parada Franch

Diretora de Relações Exteriores
Anette Blaya Luz

Diretor Superintendente
Sérgio Antônio Cyrino da Costa

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Admar Horn
Secretário: Daniel Delouya
SBPSP: Vera Regina J.R. Marcondes Fonseca
SPRJ: José de Matos
SBPRJ: Liana Albernaz de M Bastos
SPPA: José Carlos Calich
SPR: Carolina Cavalcanti Henriques
SPB: Mirian Elizabeth Bender Ritter de Gregorio
SBPdePA: Astrid Muller Ribeiro
SPPel: Lúcia Valquiria Souza Grigoletti
SBPRP: Lia Fátima Christóvão Falsarella
APERJ_RIO 4: Eliana Lobo
SPMS: Leila Tannous Guimarães
GEPMG: Rosália Lage Martins Bicalho
GEPG: Marísia Abrão
GEPFor: Galba Lobo Jr.
GEPCampinas: Martha Prada e Silva

DEPTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editora: Nilde Parada Franch
Co-Editora: Sandra Maria Gonçalves
Corpo Editorial: Maria Aparecida Duarte Barbosa , Maria do Carmo Groke, Patricia Vianna Getlinger, Suely Gevertz

Jornalista Responsável: Helena Prado (MTB 51271)
Site: Q&I- Qualidade e Informática
Projeto gráfico e Diagramação: Três Design
Gráfica: Vida e Consciência

SECRETARIA

Renata Lang Marcel (renata@febrapsi.org.br)

EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise
A. N.Sra de Copacabana 540, sala 704 - RJ
CEP 22020-001
Tel/Fax 55 21 2235.5922 / 2545.5138
e-mail:febrapsil@febrapsi.org.br
site: www.febrapsi.org.br